

STRONG ESAGS

**A INFLUÊNCIA DA CULTURA NO DESENVOLVIMENTO DO
BRASIL E JAPÃO – UMA ANÁLISE DO SÉCULO XIX ATÉ
OS DIAS ATUAIS.**

Heloïse Fernandes Sanchez

Santo André

2017

Heloise Fernandes Sanchez

**A INFLUÊNCIA DA CULTURA NO DESENVOLVIMENTO DO
BRASIL E JAPÃO – UMA ANÁLISE DO SÉCULO XIX ATÉ
OS DIAS ATUAIS.**

Trabalho referente à Monografia II da faculdade de
Economia da STRONG ESAGS, campus Santo André,
como requisito para aprovação em Monografia II.

Prof. Ms. Raphael José Bicudo Pereira Sobrinho

Santo André

2017

*“É preciso erguer o povo à altura da cultura e
não rebaixar a cultura ao nível do povo”.*

(Simone de Beauvoir)

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar ao meu orientador, Prof. Ms. Raphael José Bicudo Pereira Sobrinho, pelo apoio no projeto desde o início, em Monografia I, dando suporte em um tema um tanto quanto “diferente”; assim como dando incentivo a respeito da qualidade do trabalho, mesmo quando não me sentia tão segura a respeito.

Agradeço também aos meus pais, por terem me dado apoio durante esse período, principalmente por terem sempre me ouvido quando eu aparecia com algo novo sobre o Japão para contar. Ao meu pai, por ter apoiado todas as inúmeras visitas à *Japan House*, a fim de absorver um pouco mais dessa cultura; assim como minha mãe, por ter aguentado todos os animes (desenhos japoneses) que voltei a ver durante esse período para entender como a cultura do país atinge as várias camadas, incluindo as crianças.

Obrigada também à Carolina Loro, sem ela esse tema não teria existido. Só ela sabe o quanto esse tema nasceu por causa dela, obrigada também por ter me inserido ainda mais nessa cultura, apresentando-me animes e mangás (revistas em quadrinhos japonesas) muito bons. Obrigada por ter se tornado essa pessoa tão especial na minha graduação e por sempre ter aceitado meus planos “fora da caixa”.

Obrigada a todos meus professores, em especial, além do meu orientador, ao Uallace Moreira, Lygia Gibb, Getúlio Pereira, Fernando Ribeiro e Fábio Afonso, vocês tiveram grande participação em quem sou hoje e em quem quero ser no futuro. Obrigada por cada conversa após às aulas, ao apoio no projeto da “*Linha do Tempo*”, no “*TAIEE*”, e por todo o apoio dado durante esses quatro anos de graduação.

E por último, muito obrigada a todos aqueles que de alguma forma me ajudaram ou contribuíram para a realização deste trabalho.

Resumo

É muito comum um continente, um país, um estado, ou até mesmo uma cidade ou um vilarejo possuir uma cultura diferente daqueles que estão ao redor. A partir disso, é possível observar que algumas regiões possuem uma cultura muito diferente entre si, mas não só isso, possuem uma economia muito diferente também quando o assunto é desenvolvimento econômico. Após essa observação, foi decidido fazer uma comparação entre países tão distantes, assim como, tão diferentes culturalmente: Brasil e Japão. Além disso, ambos os países apresentam diferenças inclusive no seu processo de formação, sua participação nas guerras e claro, em diversas questões culturais. O seguinte trabalho busca mostrar elementos que do ponto de vista cultural e macroeconômico possam influenciar no desenvolvimento econômico do Brasil e Japão.

Palavras-chave: Brasil; Japão; Cultura; Desenvolvimento; Corrupção.

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1: Contexto histórico: Séculos XIX e XX no Brasil e Japão, Rostow e as Etapas de Desenvolvimento	11
1.1 Contexto Histórico séc. XIX e XX	11
1.2 Rostow e o Processo de Desenvolvimento do Brasil e Japão (com base no contexto histórico).....	12
Capítulo 2: O Desenvolvimento atrelado a alguns fatores culturais, como religião, corrupção, índice de ignorância, IDH e educação, desigualdade e inflação	16
2.1 Religião.....	16
2.2 Corrupção	17
2.3 Perigos da Percepção (Índice de Ignorância)	19
2.4 IDH e Educação.....	21
2.5 Desigualdade	22
2.6 Inflação	24
Capítulo 3: Outros fatores culturais do Brasil e Japão que afetam no desenvolvimento do país	26
Conclusão	28
Bibliografia.....	31

Lista de Figuras e Gráficos

Figuras

Figura 1: Percepção circular do tempo.....	16
Figura 2: Nível de percepção da corrupção.....	17
Figura 3: Percentual de pessoas que sentem orgulho ou vergonha de serem brasileiras	20

Gráficos

Gráfico 1: <i>Crescimento do IDH Brasil e Japão</i>	21
Gráfico 2: Crescimento da Renda per Capita Brasil e Japão.....	23
Gráfico 3: Índice de Gini Brasil e Japão	24
Gráfico 4: Gráfico 4: Taxa de inflação Brasil e Japão	25

Introdução

No Brasil, ao compararmos a maioria dos indicadores econômicos com os demais países, como do hemisfério norte, ou mesmo do oriente, veremos que o Brasil se encontra muito atrás nas classificações. Não só isso, percebemos e ouvimos muitas pessoas falarem que o Brasil é muito pobre quando o assunto é cultura, e isso muitas vezes é dito, inclusive, por outros países; assim, muitos acabam tendo uma visão errada (pior) do que o país realmente é.

O Brasil já começa perdendo essa “batalha” por conta da carência absurda de dados culturais. Segundo Reis (2012) o último dado que o Brasil tem divulgado pelo governo federal é de 2005. Embora o MinC tenha feito uma série de avanços em dados culturais, o próprio Ministério avalia que a falta de dados é uma fraqueza na hora de discutir política pública. *“Quando a gente chega com dados de 2005 para o debate é como chegar ao médico com um hemograma de sete anos atrás. A primeira lição de casa é levantar dados. Sem eles, fica difícil até para avaliar avanços e conquistas.”*

Como é mostrado por Reis (2012), conhecida por estudar economia criativa e da cultura, a cultura é muito importante para o desenvolvimento, porém, além disso há o turismo, educação, e ciência e tecnologia, que também acabam sendo muito importantes *“Sem estes atores, corremos o risco de remar, remar e não chegar a lugar nenhum.”*

Um grande exemplo de cultura que Reis (2012) nos dá é a respeito da linha de cosméticos da Avon. A Avon percebeu que nem todo município brasileiro possuía livrarias ou bibliotecas, além de sempre serem caros nas lojas, e contarem com fretes altos; ao observar isso, passou a incluir livros em seus catálogos de vendas. *“Nós temos uma baixa valorização social do livro no Brasil. Por que estudar, ler se não vale a pena? Mas você imagina o impacto para a criança que vê a mãe vender Avon de porta em porta perceber que é o livro que garante comida para a casa, o livro que compra o presentinho de Natal. O livro deixa de ser aquela obrigação da escola e passa a ser uma coisa valorizada inclusive porque ajuda o bolso da família.”*

Quanto à ideia de comparar o Brasil justamente com o Japão surgiu primeiramente com os desenhos japoneses (animes), pois segundo Yoshimoto (1992) os quadrinhos (mangás), que acabam virando animes mais tarde, não possuem apenas a função de entreter, mas de ensinar alguma coisa a mais, informações úteis para a vida profissional ou pessoal; enquanto no Brasil, embora esse cenário já esteja mudando bastante, as coisas são feitas sempre com o intuito de fazer propaganda para depois vender. Além disso, o Japão é reconhecido em todos os lugares,

não só por seu histórico de desenvolvimento, principalmente no pós-guerra, como também por ser um exemplo de qualidade e produtividade, principalmente nas indústrias.

A partir desse cenário, o trabalho é dividido em três partes. A primeira trata a respeito do passado, do contexto histórico desses países nos séculos XIX e XX, abordando principalmente a Era Meiji no Japão e o período do café e da escravidão no Brasil. Aqui, busca-se entender como essas características acabaram contribuindo para o cenário, tanto cultural, como de desenvolvimento dos dois países citados. Assim como há uma abordagem a respeito das etapas de desenvolvimento de Rostow, que explica que há 5 etapas até que um país passa atingir o pleno desenvolvimento e, a partir disso, é feita uma comparação de quais são as etapas do Brasil e do Japão em cada período do século XX.

Depois disso, alguns indicadores tanto culturais como macroeconômicos são analisados, comparando-se dados do Brasil e do Japão, a fim de entender o quanto um dos países está mais desenvolvido do que o outro. As variáveis culturais e macroeconômicas escolhidas foram: religião, corrupção, índice de ignorância, IDH e educação, desigualdade e inflação. Em primeiro lugar há uma abordagem mais cultural, analisando a religião, corrupção e índice de ignorância dos dois países, porém essas variáveis não deixam de afetar mesmo que minimamente a economia desses, depois disso há uma mescla entre indicadores macroeconômicos e culturais, que é o caso do IDH e educação e desigualdade, esses dados são importantes para medir a “saúde” da economia, assim como, a parte educacional ter relação com a cultura do país, e por fim, há uma análise da inflação dos dois países, sendo um indicador mais macroeconômico, porém também cultural, de acordo com Yoshimoto (1992) como será visto mais adiante.

Para finalizar há uma abordagem cultural dos dois países, como a cultura deles pode ter influenciado no desenvolvimento que temos hoje; após mostrar o histórico, dados econômicos e culturais, mostra-se como isso acaba refletindo no dia a dia das pessoas nos dois países.

Após a análise desses dados, espera-se concluir que a cultura está associada ao desenvolvimento de um país, assim como, mostrar quais são os fatores do passado que possam ter contribuído para o cenário atual dos dois países analisados, e como os indicadores apresentados no segundo referencial teórico contribuem ou possam ter contribuído para o desenvolvimento do Brasil e Japão.

Capítulo 1: Contexto histórico: Séculos XIX e XX no Brasil e Japão, Rostow e as Etapas de Desenvolvimento

1.1 Contexto Histórico séc. XIX e XX

No século XIX, a economia brasileira estava basicamente nas mãos dos plantadores de café, como mostra Mello (2017). Eles inventaram novas máquinas para processar o café, livros técnicos e manuais, outros tentaram introduzir novos tipos de plantações de café, além de medidas inovadoras. Os plantadores também investiram nos transportes via ferrovias, criação de uma estrutura comercial mais avançada; em outras palavras, eles eram empreendedores com responsabilidades muito grandes em manter os custos e a qualidade com o preço. Grande parte dessas conquistas foi graças ao “elemento servil”, os escravos provinham uma eficiente, disciplinada e organizada força de trabalho nas plantações, gerando custo zero para os plantadores.

Porém, sabemos que foi também no Sec. XIX que o Brasil teve a abolição do trabalho escravo em 13 de maio de 1888. O Brasil, segundo Mello (2017), foi o país que teve um período mais duradouro de trabalho escravo de todo o hemisfério oeste, sendo o último país a abolir a escravidão, além disso, o trabalho escravo era muito importante para a economia, pois após a abolição, o país teve problemas trabalhistas emergentes.

No entanto, é importante lembrar que o Brasil sempre foi um país de muitas terras, porém com grande escassez de trabalho, gerando uma escassez na agricultura; em 1884, segundo Mello (2017), a maior parte dos trabalhadores nas plantações de café eram escravos, e estes eram responsáveis, por quase 50% da produção mundial de café, então, não há como negar que o café foi de grande importância para a formação cultural do Brasil, e conseqüentemente, o uso de trabalho escravo. Primeiro por ter se alongado por tanto tempo, e em seguida, por representar uma fatia tão grande de toda a produção mundial de café no século XIX.

Quando se fala a respeito de século XIX no Japão, estamos falando da Era Meiji (1867 - 1912), e é a partir dessa época que o Japão começa a se adequar à economia ocidental, adaptando-se ao mundo da época. Segundo Sakurai (2007), durante a Era Meiji foram necessárias diversas mudanças para que o Japão entrasse nos “padrões” do resto do mundo, que era “dominado” pelo ocidente. Para isso, embora não houvesse um líder, o país sabia que era necessária uma mobilização do país inteiro, sendo criados dois grandes blocos de medidas - de cunho social e de cunho econômico.

A partir desse momento, foi um enorme trabalho em grupo do país inteiro para a mudança econômica e social do país, tendo desde japoneses indo para Europa e América para aprender, até reflexões a respeito dos prós e contras do que havia sido feito no país até àquele momento.

Graças a essas mudanças, hoje em dia a experiência japonesa é celebrada quando o assunto é desenvolvimento econômico, Fiori (1999) mostra que em menos de duas gerações (1868 - 1914) o Japão foi um caso de brilhante industrialização tardia, tornando-se, pouco antes da Primeira Guerra Mundial uma das grandes potências a disputar espaço na arena política internacional, principalmente na Ásia.

Porém, Fiori (1999) mostra que em 1930 o Japão obteve fracasso à retomada do padrão-ouro e por conta disso, o país teve uma queda de 18% no nível de atividade e de cerca de 30% nos preços agrícolas. Por conta dessa crise, os Militares assumiram o poder (vale lembrar que tivemos um cenário parecido no Brasil, porém isso será abordado mais adiante), gerando assassinatos de lideranças políticas militares liberais, além de ação militar colonial na China, que foi detida pelos Estados Unidos com as bombas de Hiroshima e Nagasaki, tendo as forças militares dos Estados Unidos assumindo o poder em 1945, “apresentando a mais profunda ruptura de ordem política desde a Revolução Meiji”.

Já nos anos de 1953 até 1973, as taxas de crescimento do Japão foram mantidas próximas a 10% ao ano, sendo as duas décadas do chamado “milagre econômico”. Fiori (1999) diz que é um cenário difícil de ser explicado, uma vez que nesse período o país era pobre em recursos naturais, possuía elevado nível de desemprego, estava devastado por conta da Segunda Guerra Mundial, atrasado tecnologicamente, era protecionista comercialmente, avesso ao capital estrangeiro e com forte intervenção estatal... E mesmo assim, em 1968 ter se tornado a segunda maior economia do mundo capitalista.

1.2 Rostow e o Processo de Desenvolvimento do Brasil e Japão (com base no contexto histórico)

Após uma breve introdução a respeito dos séculos XIX e XX no Brasil e Japão, para comparar estes dois países, seria interessante lembrar sobre o modelo de desenvolvimento de Rostow (1961) e suas cinco etapas de desenvolvimento:

- A **Sociedade Tradicional** (estrutura se expande dentro das funções de produção limitadas, baseada em uma ciência e tecnologia pré-newtonianas. Eram dedicados ao sistema de agricultura, assim como, possuíam uma estrutura social hierarquizada).

- As **Precondições para o Arranco** (sociedades em pleno processo de transição para chegar no Arranco; as mudanças ocorrem tanto na economia quanto no equilíbrio de valores sociais. Politicamente, há a formação de um Estado nacional centralizado e eficaz, opondo-se aos tradicionais interesses regionais agrários).
- **Arranco** (Momento em que as antigas obstruções e resistências ao desenvolvimento regular são superadas, o desenvolvimento passa a ser uma situação normal. A partir daí, novas indústrias se expandem rapidamente, dando lucros que acabam sendo reinvestidos para novas instalações, além da criação de novas técnicas agrícolas e industriais)
- A **Marcha para Maturidade** (longo período de progresso continuado, a economia agora segue em firme ascensão e procura entender a tecnologia moderna a frente da sua atividade econômica. Cerca de 10 a 20% da sua renda é investida continuamente, bens que antes eram importados passam a ser produzidos internamente. Começa cerca de 40 a 60 anos após o Arranco)
- A **Era do Consumo em Massa** (a renda real por pessoa elevou-se, fazendo com que os consumidores ultrapassem as necessidades mínimas de alimentação, moradia e vestuário, assim como há o aumento de trabalhadores especializados).

No momento em que Rostow escreveu este livro, 1961, ele afirma que o Japão estava começando a entrar na última etapa de desenvolvimento, junto com a Europa Ocidental, tendo os Estados Unidos já bem consolidado nesta última. Completando o que Rostow dizia, Masiero (2007) relata que já nos anos de 1980, o Japão já se deparava com uma maturidade econômica, tendo, inclusive, em 1991 um período de estagnação econômica, isso devido ao período de catch up de rápido crescimento, fazendo o Japão passar de um país de baixa renda para uma economia madura com renda per capita de alto padrão de vida.

Como prova disso e razão pelo rápido crescimento do Japão, principalmente no século XX, Masiero (2007) mostra que entre 1970 e 1980, o país foi benchmark em níveis de desempenho nas fábricas, como Sony, Mitsubishi e principalmente Toyota. Além disso, também é destacado o período de pós-guerra do Japão, indo até os anos de 1960, quando seu Produto Interno Bruto (PIB) foi dobrado em menos de uma década. Tendo nos anos de 1953 - 1973, apresentado elevadas taxas de crescimento econômico, superando muitos dos países que estavam do lado vencedor da Guerra.

Já a respeito do Brasil, o cenário não é tão otimista quanto o do Japão. Giannetti (2016) mostra uma visão de Eugênio Gudín, que diz não é necessário, tanto no Brasil, como na América

Latina, que os países criem uma civilização, pois ela já foi criada pela Europa, então nos resta apenas assimilar essa civilização para que possamos nos desenvolver.

Considerando as etapas de desenvolvimento de Rostow e as visões de Gudin e Giannetti, o Brasil já naquela época estava bastante atrasado comparado com outros países, incluindo o Japão. Tanto por estar mais para trás no modelo de Rostow, quanto pela sua “conformidade”.

Furtado (2006) faz um questionamento bastante interessante a respeito do desenvolvimento do Brasil *“Por que se industrializaram os EUA no século XIX, emparelhando-se com as nações europeias, enquanto o Brasil evoluía no sentido de transformar-se no século XX numa vasta região subdesenvolvida?”*. De acordo com Furtado (2006), tanto o Brasil, como os Estados Unidos possuíam um número semelhante de população, porém, a grande diferença está na disparidade que existe entre os dois principais intérpretes dos ideais das classes dominantes dos dois países, Alexander Hamilton e Visconde de Cairu; ambos seguiam o pensamento de Adam Smith, assim como a Inglaterra, porém enquanto um estimula a industrialização, e não apenas medidas de caráter protecionista, o outro, Cairu, crê cegamente na mão invisível, acreditando que ela irá mudar todo o cenário do Brasil e fazer com que ele se desenvolva.

Assim sendo, Furtado (2006) mostra que ao abrir os portos no século XIX nos EUA, a balança comercial começou a ficar deficitária, assim como a do Brasil, porém, uma grande diferença foi que no Brasil essa dívida se apoiou no câmbio, enquanto Hamilton fez com que se transformasse em dívidas de médio e longo prazo, que se inverteu para um bônus dos governos central e estaduais; formando-se assim, quase automaticamente, uma corrente de capitais que foi muito importante para o desenvolvimento do país. Isso graças à política financeira do Estado e à política dos governos de construção de uma infraestrutura econômica e fomento direto de atividades básicas.

Além de todas essas dificuldades no Brasil, Furtado (2006) conta que durante a primeira metade do século XIX no país, foi criada iniciativas da indústria siderúrgica durante a época de D. João VI, que acabaram fracassando não por falta de proteção, mas pelo fato de que nenhuma indústria cria mercado para si mesma, além do mercado para produtos siderúrgicos ser basicamente inexistente. A única condição que tinha para a economia brasileira poder se desenvolver seria com a expansão de suas importações, o que não ocorreu, além disso, havia a decadência da mineração, e basicamente o único produto a ser exportado era o café. A importação era muito improvável, pois os ingleses faziam questão de dificultar muito a exportação de suas máquinas e o Brasil não era capaz de uma política inteligente de industrialização por conta da sua falta de

capacidade técnica, uma vez que o país era dirigido por uma classe de grandes senhores agrícolas escravistas, cabendo, para aquele período, apenas a expansão do setor de exportações, algo que não ocorreu.

Fazendo o comparativo entre os dois países (Brasil e Japão) e o que Rostow (1961) havia dito, o Japão, no ano de 1964, estava entrando na última etapa de desenvolvimento, enquanto no Brasil, o país sofria um Golpe Militar, em que o foco e os principais objetivos da política econômica dos ministros da Fazenda e do Planejamento, segundo Hermann (2005), foi o combate gradual à inflação, a expansão das exportações e a retomada do crescimento.

O período de ditadura no Brasil (1964 - 1973) estava mais de 30 anos atrasado quando comparado com o do Japão, além disso a ditadura não encontrava resistência formal, uma vez que os empresários viam a política implementada de maneira positiva, pois era favorável aos lucros em detrimento dos salários, mesmo tendo um “estagflação” em 1963 para 1964, e em seguida anos de inflação muito alta, chegando a 92% em 1964. *“O Brasil de 1964 - 1973 ilustra um caso de nítida ausência de correlação entre democracia e desenvolvimento e de alta correlação entre autoritarismo e reforma econômica”* - R. Campos.

Podemos concluir, assim como é mostrado por Giannetti (2016), que o Brasil se trata de um país de ocidentalização recalcitrante e imperfeita, fazendo inclusive uma comparação, que ao sermos lembrados por alguma contribuição da história da ciência ou da tecnologia, não passaríamos de uma nota de rodapé. *“O Brasil é um país tardio, que acabou pulando a agenda social do século XIX no desenvolvimento”*.

Capítulo 2: O Desenvolvimento atrelado a alguns fatores culturais, como religião, corrupção, índice de ignorância, IDH e educação, desigualdade e inflação

2.1 Religião

Segundo Sakurai (2007), a parte cultural do Japão começou a ser desenvolvida muito cedo, a partir do século VI, por volta do ano de 552 a 720, conhecido como período Asuka. Esse período foi de grande desenvolvimento não só para o Japão, mas para a Ásia inteira; enquanto o Ocidente cristão vivia fechado para si mesmo, praticamente estagnado em termos econômicos. Parte desse desenvolvimento no Japão foi graças a chegada do Budismo no país, trazendo transformações, inclusive, políticas.

Masiero (2007) complementa ao mostrar que a religião pode acabar influenciando nesse processo de desenvolvimento. Países que possuem religiões monoteístas (cristianismo, judaísmo, islamismo...) tendem a acreditar que ao morrer, haverá um juízo final e o fim da vida daquele indivíduo. Enquanto que para religiões politeístas (budismo, hinduísmo...), como é o caso do Japão, a vida é um ciclo de passado, presente e futuro; sendo assim, quando uma pessoa morre, seu espírito/alma renasce em outro ser humano, por isso, também, a ideia de sempre fazer seu melhor.

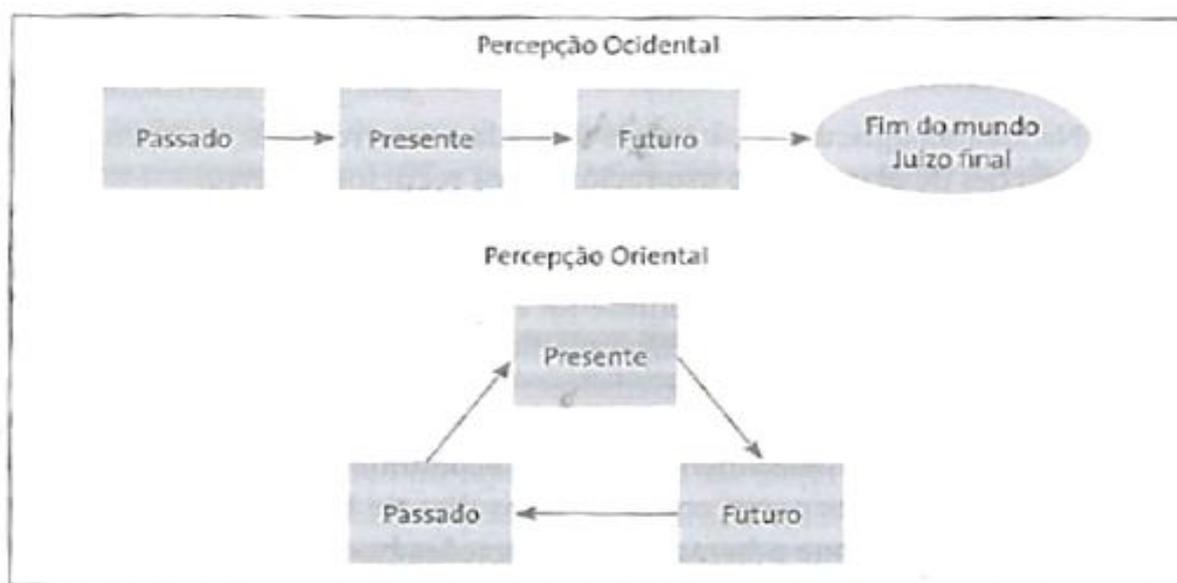


Figura 1: Percepção circular do tempo

Fonte: Masiero (2007) - Pág. 58

Yoshimoto (1992) também mostra como a parte religiosa japonesa é importante na cultura deles. Há a palavra “Mottainai” que significa que todas as coisas boas no mundo são sagradas,

são presentes dos deuses aos homens, assim, o desperdício é uma ofensa grave aos deuses; e isso está enraizado na sociedade inteira, incluindo desde o uso da água até o reaproveitamento de papéis usados. No Brasil, quando temos/vemos um desperdício dizemos apenas “que pena” e seguimos com nossas vidas normalmente, enquanto no Japão as pessoas são repreendidas desde crianças quando desperdiçam algo.

2.2 Corrupção

Vishny e Shleifer (1993) apresentam a corrupção de duas formas: uma que ela vem a partir da estrutura de governo das instituições, sendo assim, o processo político se torna muito importante na determinação da corrupção, ou seja, governos fracos, que não controlam seus agentes possuem alto nível de corrupção. A outra forma vem da ilegalidade da corrupção, e ela sempre ser feita sob forma de sigilo, com isso a corrupção acaba ficando distorcida e se tornando mais dispendiosa do que a tributação (que anda em conjunto com a corrupção). Esses resultados explicam porque em países menos desenvolvidos a corrupção é tão elevada.

Dados da Transparency International mostram que o Brasil está no 79º lugar no índice de percepção da corrupção, com 40 pontos em uma escala que vai de 100 (sem corrupção) até 0 (corrupção alta); enquanto o Japão ocupa a 20ª posição, com 72 pontos, num total de 176 países.

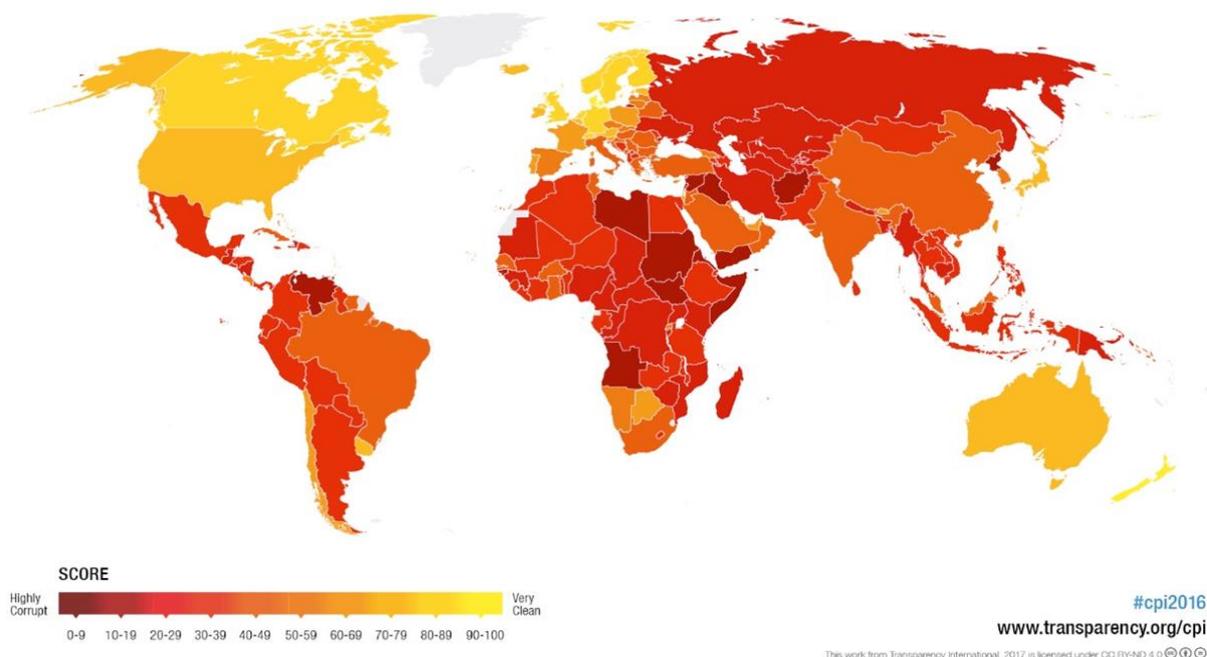


Figura 2: Nível de percepção da corrupção
Fonte: Transparency International

A partir disso, no relatório de corrupção por país da Transparency International, a corrupção no Brasil é justificada principalmente por conta da Lava à Jato, envolvendo a Petrobrás e Odebrecht, assim como o Impeachment do ex-presidente Dilma. Além disso, o relatório afirma que no Brasil a corrupção é muito mais provável em taxas administrativas, contratos públicos e setores de recursos naturais.

Outros setores que apresentam corrupção no Brasil, em primeiro lugar, o sistema judicial, que é onde políticas locais e econômicas possui uma forte influência; setor policial, em que as pessoas percebem que os crimes e violência acabam sendo tratados com impunidade, mostrando também que diversas pessoas conseguem obter influência sobre a polícia, mostrando que este setor está mergulhado em corrupção; por último há o setor público, em que há grandes números de suborno, assim como, diversos cargos públicos sejam por mérito, diversos outros são designados politicamente.

Já a respeito do Japão, a corrupção é muito menor se comparada com o Brasil, porém isso não significa que ela não exista. Lá há a palavra “amakudari”, que são funcionários públicos já aposentados que passam a ocupar cargos superiores nas empresas japonesas privadas e que contam com serviços governamentais. Estes funcionários são comuns em empresas financeiras, de construção, transporte e farmacêutica. Além disso, no Japão há um código penal que fala a respeito de corrupção, mostrando cenários que são crimes no país. Sendo assim, os maiores casos de corrupção do país estão na própria sociedade.

Além disso, a legislação do país não permite muitas falhas, tendo leis bastante severas em diversos casos de corrupção, como penas que vão desde 5 anos de prisão, até JPY 300 milhões. Outro setor seria o de contratos públicos, especialmente em equipamento de oferta, esse tipo de corrupção recebe o nome de “kansei dango”, muitas vezes as empresas são acusadas de receberem tratamento preferencial entre uma das partes locais em um contrato, sendo uma desvantagem para empresas estrangeiras; também acontece muito em projetos e obras públicas, principalmente por conta do “amakudari”.

Mas como estaria a corrupção atrelada ao desenvolvimento econômico de um país? A equipe técnica da FIESP (2010) mostra em alguns tópicos como a corrupção retarda o esse processo (MAURO, 1997; TANZI e DAVOODI 1997; SILVA, 2000; RAMALHO, 2006):

- Reduz o incentivo ao investimento produtivo, pois a corrupção é interpretada como mais uma taxa a ser paga, diminuindo a rentabilidade dos projetos. Os efeitos também são sentidos no investimento estrangeiro direto (IED), dado que países mais corruptos

apresentam maior “custo informal”, o que limita a competitividade do país frente a esse investimento;

- A incerteza sobre a necessidade de um pagamento adicional de recursos para viabilização de um projeto desestabiliza o ambiente de negócios do país, colocando-o em desvantagem em relação aos seus competidores;
- O desvio de certo montante financeiro para atividades ilegais provoca queda nas receitas arrecadadas do governo, o que gera perdas orçamentárias e reduz a possibilidade de financiamento de gastos produtivos;
- Reduz a eficácia dos recursos distribuídos pelo setor público;
- Ocorre a alocação ineficiente dos recursos, uma vez que os ativos financeiros são desperdiçados em atividades caçadoras de renda e improdutivas;
- Gera ineficiência na administração pública, pois os contratos licitados ganhos por empresas corruptoras podem comprometer a qualidade dos serviços e da infraestrutura pública. A má qualidade aumenta tanto a probabilidade de refazer o serviço, como a frequência da manutenção, reduzindo a produtividade total da economia;
- Distorce a composição dos gastos públicos, pois o governo pode favorecer projetos onde a lucratividade gerada pela corrupção seja maior. Como consequência, ocorre deformação das políticas sociais e de desenvolvimento.

A Transparency International mostra que grandes corrupções, como o caso da Petrobrás e da Odebrecht no Brasil, fazem com que empresas e políticos absorvam milhões de dólares que deveriam ser usados nas economias nacionais, beneficiando poucos ao invés de muitos. Este tipo de grande corrupção sistêmica viola os direitos humanos, impedindo o desenvolvimento sustentável e alimentando a exclusão social.

“Em muitos países, as pessoas são privadas de suas necessidades mais básicas e vão dormir toda noite com fome por causa da corrupção, enquanto os poderosos e corruptos gozam de estilos de vida pródigo com impunidade” – José Ugaz, Chair of Transparency International.

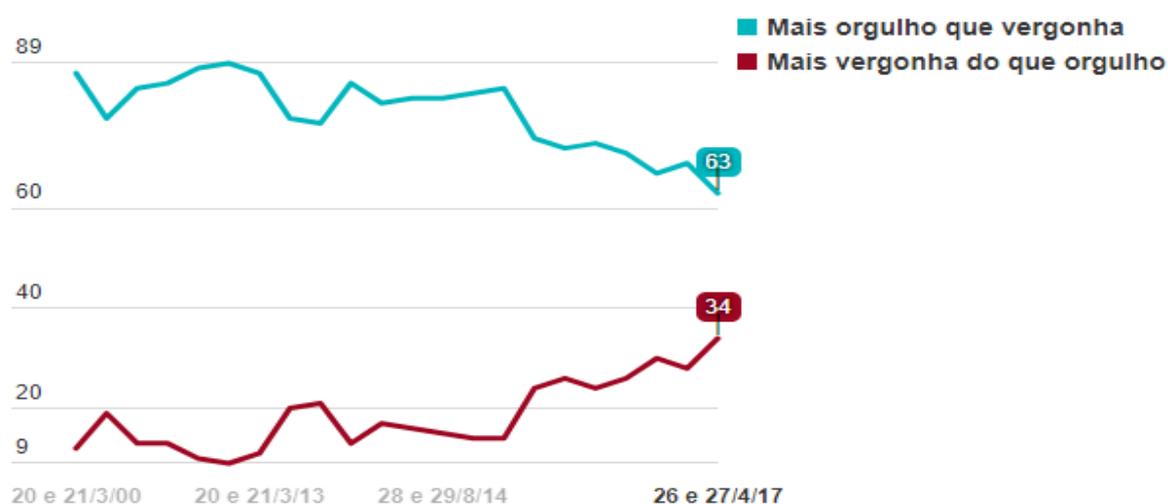
2.3 Perigos da Percepção (Índice de Ignorância)

Um estudo feito pela Ipsos chamado “Perigos da Percepção” ou “Índice de Ignorância” de um país trata a respeito da distorção entre percepção e realidade dos países. Sendo o primeiro lugar o país “mais ignorante” e o último o “menos ignorante”; o estudo busca entender o quanto as

peças conhecem da realidade social em que estão inseridas, a Ipsos entrevistou 27,5 mil pessoas em 40 países.

A pesquisa “Os Perigos da Percepção” revelou que a maioria dos países pesquisados acredita que a população muçulmana é maior do que realmente é. Além disso, acham que essa população vem crescendo num ritmo mais acelerado do que de fato vem; todos os países pensam que sua população é menos feliz do que afirma se; a maioria dos países aceita melhor homossexualidade, aborto e sexo antes do casamento do que imaginam. Em relação à desigualdade social, eles acham que as riquezas são menos concentradas do que realmente são. No último estudo o Brasil ocupava a sexta posição, enquanto o Japão o 27º lugar.

Outra pesquisa interessante feita pelo DataFolha foi a respeito da porcentagem de pessoas que sentem vergonha de serem brasileiros. O percentual vem aumentando desde 2014, graças aos escândalos de corrupção já mostrados anteriormente; sendo que 20% das pessoas acreditam ser ruim ou péssimo morar no país.



Fonte: Datafolha, 26 e 27/4/2017. Foram realizadas 2.781 entrevistas em 172 municípios; margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos considerando um nível de confiança de 95%

Figura 3: Percentual de pessoas que sentem orgulho ou vergonha de serem brasileiras

Isso mostra que além de vergonha de morar no Brasil, as pessoas não sabem a realidade do próprio país. O Brasil ficou em sexto lugar como mais ignorante em uma lista de 40 países, isso tendo como base perguntas gerais, e não perguntas que envolvem conhecimentos adquiridos na escola, porém isso não mostra que assim o resultado seria melhor, pois sabemos que o Brasil também não está tão bom quando o assunto é educação.

2.4 IDH e Educação

O IDH foi criado pela ONU por meio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). O IDH analisa três aspectos: Nível de escolaridade (média dos anos de estudo da população adulta e número esperado); PIB per capita (Produto Interno Bruto per capita) e Saúde (que reflete a expectativa de vida da população, refletindo a qualidade dos serviços de saúde e saneamento ambiental para a população).

No ano de 2015, segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2016, o Japão ocupava o 17º lugar, estando dentro da classificação de “Desenvolvimento Humano Muito Alto”, enquanto o Brasil estava na 79ª, sendo classificado como “Desenvolvimento Humano Alto”.

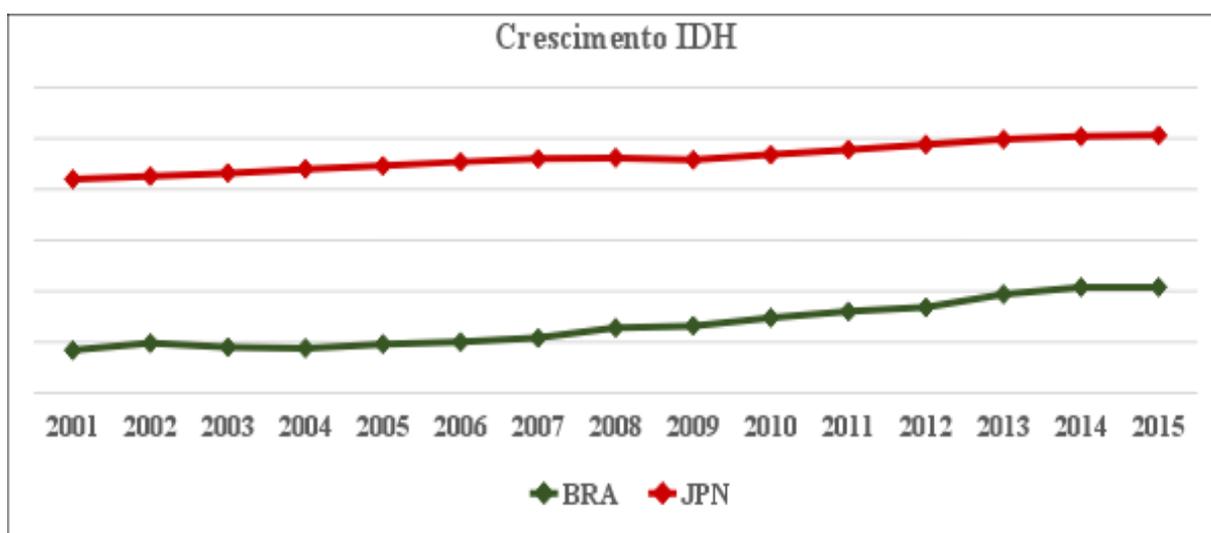


Gráfico 1: Crescimento do IDH Brasil e Japão

Dados do PNUD.

Nesse mesmo ano, no relatório do PNUD, o Brasil ficou estagnado no valor do IDH, apresentando o mesmo valor do ano anterior (0,754). De acordo com Andrea Bolzon, o Brasil caiu 19 posições na lista quando a desigualdade é levada em conta. Além disso, o quadro é preocupante, pois desde 2004 o país tem apresentado aumento no índice, o que era de se esperar que isso continuasse. Uma justificativa para isso seria o alto nível de desemprego por conta da crise, muitas pessoas querem trabalhar, mas não há vagas no mercado.

Além da crise econômica que o país vem passando há algum tempo, comprometendo o PIB (indicador que mostra a saúde econômica do país), outra justificativa para esse índice ter ficado estagnado seria, segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2016, a epidemia do Zika

vírus, em que muitas mulheres grávidas contraíram o vírus, assim como, foi necessário chamar o exército para ensinar as pessoas como se proteger para não serem infectadas.

Já no pilar da educação, é interessante fazer uma comparação com o Japão, tanto em números, como em sistema de ensino. A taxa de expectativa de anos de estudo do Brasil é de 15,2 anos, enquanto a do Japão é de 15,3 segundo dados de 2015 da UNDP, números extremamente próximos. Porém, ao analisar a média de anos de estudo dos brasileiros, esse número cai para 7,8 e o do Japão para 12,5. Então vemos que a quantidade média de anos que o brasileiro estuda é menos da metade que a esperada, enquanto a do Japão é de apenas 3 anos.

Yoshimoto (1992) conta que a educação no Japão é muito importante desde a Era Meiji (a partir de 1867), pois eles entendiam que era por meio da educação que o país iria conseguir se desenvolver. Em 1872 foi implementado o primeiro sistema integrado educacional. Em 1900 criaram o ensino obrigatório com duração de quatro anos, tendo idade inicial de 6 anos (porcentagem de matrícula nas escolas de 90%), e em 1907 passou de 4 para 6 anos obrigatórios (aumentando a taxa de matrícula para 99%), em 1947 aumentou para 9 anos, e em 1980, 100% das crianças cursavam o ensino obrigatório básico.

Além disso, Yoshimoto (1992) também mostra que para conseguir um emprego no Japão, isso depende exclusivamente da pessoa, ou seja, ter uma boa educação e fazer vários cursos (cultura), pois só assim as pessoas conseguem se alocar no mercado de trabalho. E isso continua até depois da aposentadoria, no Japão, após as pessoas se aposentarem, é muito comum dedicarem seu tempo com mais estudos, principalmente culturais, como arte e música.

Fato interessante é que quando os japoneses vieram para o Brasil, aqui haviam muitas crianças que não frequentavam a escola, além da alta taxa de analfabetos. Sendo assim, os japoneses traziam professores nos navios para darem aulas para suas crianças, além de vários livros trazidos por cada família. Yoshimoto (1992) conclui que no Japão não há analfabetos, e aquelas pessoas que possuem pouca instrução acabam sendo discriminada pela sociedade; inclusive, japoneses que moram no Brasil e possuem formação universitária, quando vão para o Japão sofrem discriminação por não falarem o japonês, o que nos mostra como a cultura educacional do país é importante para eles.

2.5 Desigualdade

Para começar a falar a respeito de desigualdade, é preciso observar o número de pessoas que vivem no país. É bastante óbvio que o Brasil tenha uma população maior que a do Japão,

principalmente se formos considerar a área ocupada por cada país. O Japão possui 364.560 de Km², enquanto o Brasil apresenta 8.358.140 Km², segundo dados do Banco Mundial, sendo mais de 2000% maior que o Japão em sua totalidade de área.

No entanto, a população do Brasil é apenas cerca de 63% maior que a do Japão, as pessoas que vivem no Brasil podem ter mais área, mas isso não significa que teriam mais dinheiro, como diz a teoria de Malthus em 1820 (como é mostrado por Feijó, 2001), para Malthus o valor das coisas está no tempo gasto de trabalho. A partir disso, principal atividade econômica da época era a agricultura, ou seja, era necessário o uso de terra. Observando os valores mostrados acima, os brasileiros possuíam mais quantidade de terra para trabalhar do que os japoneses, ou seja, o tempo gasto de trabalho seria maior, portanto os brasileiros receberiam mais valor que os japoneses, sendo assim mais ricos.

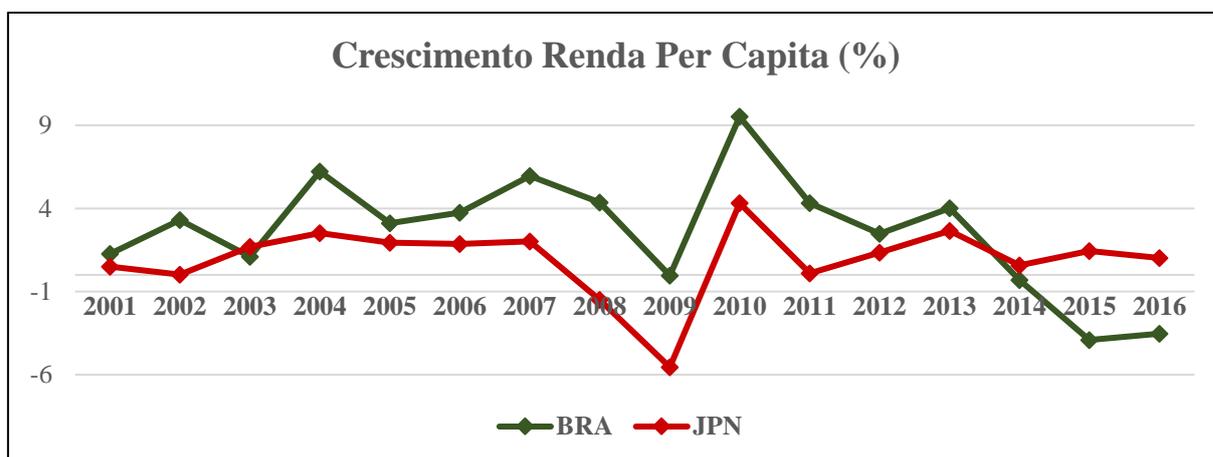


Gráfico 2: Crescimento da Renda per Capita Brasil e Japão

Dados do Banco Mundial

Porém, embora a variação do crescimento da renda per capita do Brasil seja maior que a do Japão, como mostra o gráfico acima, os valores brutos são bem diferentes. A renda per capita brasileira em 2016 era de USD 14.810, enquanto no Japão, de USD 42.870.

“O crescimento numérico de populações humanas consistia numa variável endógena ao modelo de determinação de variáveis tipicamente econômicas, como riqueza, salários, lucros e etc.”. – Feijó

Como já foi mostrado anteriormente, de acordo com o relatório de desenvolvimento humano de 2015 em que o Brasil ficou estagnado no IDH, o país ocupa o 10º lugar de país mais desigual de uma lista de 143 países.

Além disso, há um índice bastante conhecido e utilizado para medir a desigualdade de um país, o índice de Gini, este indicador foi criado pelo matemático italiano Conrado Gini e serve para medir o grau de concentração de renda em determinado grupo. Ele aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos, indo numericamente de 0 até 1, sendo que 0 representa o fator de igualdade, segundo dados do IPEA.

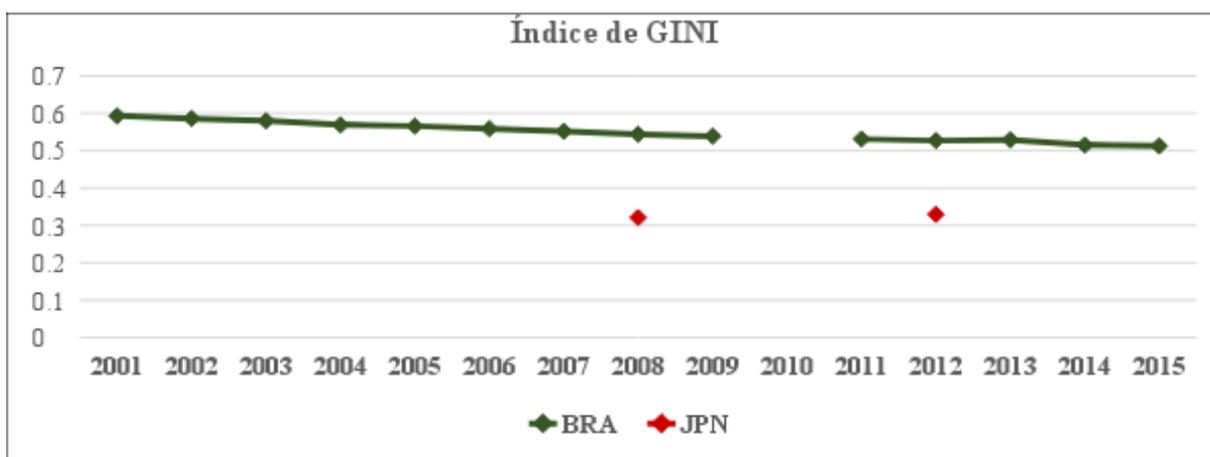


Gráfico 3: Índice de Gini Brasil e Japão

Dados do Banco Mundial

Com essas informações a respeito da desigualdade no Brasil e todos os dados anteriormente mostrados nesse capítulo, fica claro a razão do Brasil ser um país tão atrasado economicamente quando comparado com o Japão. O que nos mostra que ainda há um longo caminho a ser percorrido.

2.6 Inflação

A inflação é um problema que acompanha o Brasil desde muito tempo, enquanto no Japão, quando pensamos a respeito de inflação rapidamente vêm a palavra “deflação”, isso porque durante muito tempo o país apresentou taxas de inflação negativas.

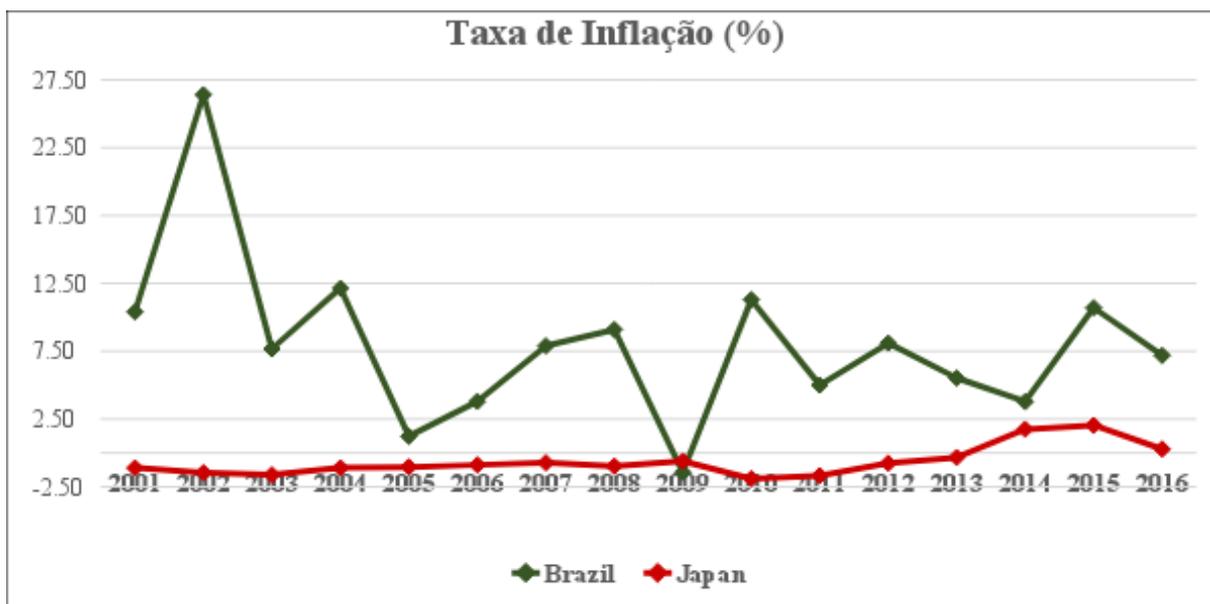


Gráfico 4: Gráfico 4: Taxa de inflação Brasil e Japão

Dados do IPEA e Banco Mundial

O Brasil possui em sua história vários períodos de inflação altíssima, como exemplos temos as décadas de 1980 e 1990, que segundo dados do IPEA, a média inflacionária dos anos 80 foi de 427%, chegando a 1782% em 1989, enquanto a média dos anos 90 foi de 697%, tendo chegado a 2708% em 1993. Além disso, em 1963 houve inflação de 79% e 92% em 1964 durante a ditadura militar.

Enquanto isso, na base de dados do Banco Central, a maior inflação que o Japão já teve foi de 24% em 1970, 20% em 1974 e 12% em 1973, após isso, em nenhum ano (desde 1961) a inflação passou de 8% (taxa atual de inflação no Brasil). Além disso, de 1998 até 2013 o Japão apresentou taxas negativas de inflação, assim como em outros 3 anos a taxa de inflação também foi negativa.

“A inflação é uma questão de cultura. Para acabar de fato com ela, governo, empresários e trabalhadores (líderes sindicais), sem exceção, precisam mudar sua cultura de preços e ganhos (impostos, lucros e salários).” – Yoshimoto (1992).

Capítulo 3: Outros fatores culturais do Brasil e Japão que afetam no desenvolvimento do país

Sakurai (2007) mostra que durante a Era Meiji, no Japão, mesmo algumas pessoas não sendo a favor de seguir o Ocidente, todos ajudaram na mudança do país, isso porque foi algo que foi pedido pelo imperador, que sempre foi visto como uma espécie de Deus vivo, sendo muito mais um símbolo do que um poder político. *“A sua vontade (do imperador) é apresentada ao povo como divina, eterna e incontestável. Segundo a Constituição de 1889, ‘o imperador é sagrado e inviolável’ e tudo que ele faz é certo por princípio.”*

O Japão possui características culturais muito distintas do resto do mundo, como é mostrado por Yoshimoto (1992): a capacidade de trabalhar em grupo, usando a inteligência em toda e qualquer atividade; a procura permanente por novos conhecimentos; como são corteses com amigos e estranhos, porém muito exigentes com familiares e conterrâneos e como estão sempre dispostos a ajudar todos, inclusive aqueles que não conhecem e não falam seu idioma.

Frente a este trabalho em equipe japonês, Motta (1996) aponta a diferença cultural do individualismo e do coletivismo. Enquanto em sua grande maioria dos países ocidentais o individualismo é muito recorrente, fazendo com que os indivíduos pensem apenas em suas realizações pessoais e como ele próprio poderá crescer, na Ásia há muito do coletivismo, as pessoas se dedicam em grupo para algo; eles não buscam crescer individualmente na empresa, mas sim fazer a empresa crescer, pois assim todos também crescerão.

Um estudo de Xiao e Kim (2009) confirma o que é dito por Motta (1996) a respeito da questão do coletivismo e individualismo; no estudo de Xiao e Kim (2009), as dimensões dos indivíduos individualistas são: estimulação, poder, hedonismo, auto direção e realização; enquanto de indivíduos coletivistas são: conformidade, benevolência e tradição. Motta (1996) ainda complementa que com isso, também cresce muito a pressão que a honra e a vergonha causam sob o indivíduo coletivista, enquanto na individualista, o que causa pressão é apenas o fator de culpa. Além disso, em culturas individualistas há muito do “livrar a cara”, caso algo dê errado, e nas coletivistas, há muito respeito com o próximo que irá te ajudar a atingir o objetivo comum.

Outra característica cultura muito importante que é abordada por Masiero (2007) é a linguagem, que acaba sendo um dos principais mecanismos condicionantes do comportamento humano. Além disso, os ocidentais buscam sempre compreender as coisas, enquanto os japoneses, por exemplo, buscam imitar, e com isso a compreensão acaba vindo automaticamente. Há também

o uso de várias palavras no Japão que representam algo específico, como já mostrado anteriormente; além dessas palavras há o ganbate, que representa a forte pressão da sociedade para que os japoneses sempre se esforcem ao máximo em todas as atividades.

Em direção oposta ao ganbate japonês, Motta (1996) mostra o “jeitinho” brasileiro, que embora seja diferente da Malandragem, possui certa semelhança. O “jeitinho” brasileiro é um meio de se conseguir algo, mas sem precisar passar a perna em alguém. Enquanto a malandragem está muito ligada à falsidade, estelionato, enganar outro indivíduo, inclusive a corrupção e etc...., porém, ainda que exista o “jeitinho” brasileiro, isso não impede que existe a malandragem no Brasil, esta sendo inclusive representada por Walt Disney pelo personagem Zé Carioca.

Podemos perceber também com Yoshimoto (1992) que o Japão está sempre buscando o melhor, mesmo nas piores situações. Yoshimoto mostra como que o Japão conseguiu se reerguer após o final da Segunda Guerra Mundial, o país estava em ruínas, a maioria da população vivia em barracos, comendo banana-passas que eram distribuídas. Mesmo assim, os japoneses continuaram fazendo seu trabalho; os primeiros produtos japoneses que apareceram no mercado eram de baixa qualidade, porém, vendo o cenário, passaram a alocar todos e únicos recursos que tinham (inteligência e criatividade) para melhorar a produtividade e qualidade. Prova dessa melhoria ao longo dos anos é que em 1945 a renda per capita do Japão era de US\$ 20, e em 1988 parou para US\$ 23 mil.

Outra grande diferença trata a respeito do desperdício como mostrado acima. Yoshimoto (1992) traz um exemplo muito clássico de desperdício no Brasil, que é o desperdício de alimentos, o que é irônico, pois muitos brasileiros não têm o que comer e passam fome diariamente. *“Nos restaurantes, muitas pessoas brincam com pães, amassando o miolo e fazendo bolinhas. (...) As churrascarias tipo rodízio são verdadeiras escolas de desperdício”*. Outro tipo de desperdício muito comum e que provavelmente é um dos mais importantes da criação humana é o pensamento, uma vez que nada se cria, nada se produz sem o uso da inteligência, sem pensar, ou seja, estando isso bastante ligado à educação.

“O desenvolvimento é em si uma construção cultural, uma base para o engajamento intercultural embora, em geral, em termos desiguais.” – Eade, Debora

Conclusão

Como mostra o contexto histórico de ambos os países, o Brasil desde sempre foi um país “tardio”, seja ao abandonar o trabalho escravo, ou mesmo nas etapas de desenvolvimento de Rostow. Enquanto isso, desde a Era Meiji o Japão estava sempre em busca de se desenvolver cada vez mais; para isso, os japoneses levavam as pessoas para o ocidente a fim de entender o comportamento do mundo, trabalhavam em equipe para atingir o desenvolvimento e se levantarem após períodos turbulentos, como o pós-guerra, que acabou destruindo o país.

Além disso, o Brasil e Japão passaram por períodos semelhantes, embora em tempos distintos, como as fases de desenvolvimento de Rostow, ou mesmo o período da ditadura. A grande diferença está em como o Japão “passou por cima” e em como o Brasil apenas continuou seguindo, sem de fato de esforçar para uma grande melhora.

No capítulo 2 é possível perceber como as variáveis culturais e macroeconômicas possuem sua participação nesses momentos. Em primeiro lugar, a respeito da religião, os japoneses possuem uma visão religiosa que o que é feito nessa vida será levado para uma próxima, por isso eles buscam sempre fazer seu melhor, desenvolver seu país, assim como a si mesmos. Enquanto no Brasil, temos o chamado “juízo final”, que é o momento da morte, em que tudo que foi feito ou foi deixado de fazer fica para trás, você não leva nada dessa vida para uma próxima (quando acreditam que ela existe).

Atrelado a isso, temos a corrupção, justamente por esse sentimento de fazer sempre seu melhor, os japoneses não possuem grandes escândalos de corrupção quando comparados com o Brasil, que possui grandes casos como o da Petrobrás e da Odebrecht, embora isso não signifique que não exista corrupção por lá, porém não é tão escancarado como no Brasil.

Avaliando os outros indicadores, embora as variações ano após ano do Brasil e Japão sejam muito semelhantes, olhando para o número bruto é possível perceber que o Japão possui muito mais dinheiro do que o Brasil, mesmo tendo uma área muito menor; fato que também está atrelado ao desenvolvimento, uma vez que ao se comparar tamanho e dinheiro, o Brasil poderia, ao menos, possuir uma economia semelhante à do Japão, mesmo possuindo uma área tão maior, o que acabou gerando consequências para o nosso desenvolvimento.

Quanto à educação, renda per capita e desigualdade, esses indicadores acabam possuindo relação, pois vemos que no Brasil a educação não é muito forte, tanto em qualidade como anos

de estudo, enquanto no Japão é completamente diferente, as pessoas estudam muito mais tempo e a educação possui uma qualidade muito maior. Além disso, a renda per capita do Brasil e do Japão são bem distintas, assim como o índice de Gini. Com isso, é possível concluir que, uma vez que não há educação para todos, ou as crianças não ficam na escola até o período adequado, muitas delas acabam não tendo boas oportunidades no futuro, como um bom emprego. Com isso, a desigualdade acaba crescendo, pois enquanto algumas crianças acabam tendo que largar a escola, outras possuem oportunidade e continuam estudando, indo para a faculdade e etc..

Com esse cenário, algumas pessoas acabam ganhando mais do que outras, acabam sabendo investir melhor seu dinheiro, devido à educação que tiveram, e assim a desigualdade começa a crescer; além é claro, da corrupção, como dito anteriormente. O Brasil apresenta muitos casos de corrupção, e quando há corrupção, certamente alguém está ganhando muito mais dinheiro do que deveria, aumentando ainda mais a desigualdade que já está presente no país.

E não podemos esquecer da inflação, um caso bastante singular, tanto no Brasil, como no Japão. O Brasil apresenta diversos períodos de altíssimas taxas de inflação, além de possuir taxas um pouco acima da média quando comparado com outros países. Enquanto isso, do outro lado, o Japão acaba sendo bastante conhecido por suas taxas de inflação, na maioria das vezes muito baixas, e em alguns anos sendo, inclusive, negativas.

Um fator cultural muito importante de ambos os países, que é o “trabalhar em grupo”, pudemos perceber que o Brasil é um país bastante individualista, que as pessoas estão sempre pensando em como conseguir o melhor para si mesmas, mesmo que para isso seja necessário tomar algumas medidas um pouco duvidosas, mas nem sempre erradas. Do outro lado, o Japão possui uma cultura muito mais coletivista, as pessoas estão sempre trabalhando em equipe para fazer com que o meio em que elas vivem (país), ou trabalham se torne cada vez melhor.

Isso tudo não quer dizer que o Brasil é “um caso perdido”, mas que talvez seja interessante abriremos nossos horizontes e aprendermos um pouco mais com outras culturas, como a japonesa. Com isso, haveria um trabalho de equipe para o desenvolvimento do país, desperdícios seriam reduzidos, poderíamos melhorar o nosso PIB, assim como diminuir a desigualdade. Resumindo, se houvesse um trabalho em grupo, se fosse uma cultura que pensasse no amanhã e não apenas no hoje, o país poderia ser muito melhor.

Porém o Brasil sempre foi um país muito fechado, tanto de ideias, como economicamente, prova disso foi a criação das indústrias siderúrgicas em um momento que o país decidiu se

fechar economicamente, desenvolver estas indústrias (mesmo não havendo essa demanda para o país), e isso tudo em um momento que o mais correto seria ter expandido as importações.

Com isso, é possível concluir que sim, a cultura de um país influencia e afeta o seu desenvolvimento. Não só o desenvolvimento em si, mas o tempo que o país demora para passar de um estágio para o outro e crescer economicamente, ou mesmo pelo fato do país ser tão atrasado economicamente quando comparado com os demais.

Bibliografia

Sakurai, Célia. **Os Japoneses**. São Paulo – Editora Contexto, 2007.

Giannetti, Eduardo. **Trópicos Utópicos**. 1ª Ed. São Paulo – Companhia das Letras, 2016.

Rostow, W. W. **Etapas do Desenvolvimento Econômico: Um manifesto não comunista**. Rio de Janeiro – Zahar, 1961.

Furtado, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo – Companhia das Letras, 2007.

Masiero, Gilmar. **Negócios com Japão, Coréia do Sul e China: economia, gestão e relações com o Brasil**. São Paulo – Saraiva, 2007.

World Bank. **World Bank Open Data**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/>. Acesso em: 20 de novembro de 2017.

Motta, Fernando Claudio Prestes. **Cultura e Organização no Brasil**. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3118/P00159_1.pdf. Acesso em: 26 de março de 2017.

Shleifer, Andrei; Vishny, Robert W. **Corruption**. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/2118402?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 05 de maio de 2017.

Xiao, Ge; Kim, Jai-Ok. **The Investigation of Chinese Consumer Values, Consumption Values, Life Satisfaction, and Consumption Behaviors**. Disponível em: http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/mar.20291/epdf?r3_referer=wol&tracking_action=preview_click&show_checkout=1&purchase_referrer=onlinelibrary.wiley.com&purchase_site_license=LICENSE_DENIED. Acesso em: 28 de março de 2017.

Mello, Pedro Carvalho de. **Slavery and the economics of labor in Brazilian coffee plantations, 1850-1888**. Santo André – STRONG, 2017.

Fiori, José Luís. **Estado e Moedas no desenvolvimento das nações**. 3ª Ed. Petrópolis – Editora Vozes Ltda., 1999.

Yoshimoto, Tsikara. **Qualidade, produtividade e cultura: o que podemos aprender com os japoneses**. São Paulo – Saraiva, 1992.

Feijó, Ricardo. **História do pensamento econômico**. São Paulo – Atlas, 2001.

Folha de São Paulo. **34% sentem vergonha de serem brasileiros, mostra Datafolha.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/05/1880256-34-sentem-vergonha-de-serem-brasileiros-mostra-datafolha.shtml?cmpid=twfolha>. Acesso em: 02 de maio de 2017.

Business Anti-corruption Portal. **Japan Corruption Report.** Disponível em: <http://www.business-anti-corruption.com/country-profiles/japan>. Acesso em: 02 de novembro de 2017.

Business Anti-corruption Portal. **Brazil Corruption Report.** Disponível em: <http://www.business-anti-corruption.com/country-profiles/brazil>. Acesso em: 02 de novembro de 2017.

Ipsos. **Perigos da Percepção 2016.** Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/perigos-da-percepcao-2016>. Acesso em: 21 de setembro de 2017.

UNDP Brasil. **Atlas do Desenvolvimento Humano.** Disponível em: <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html>. Acesso em 31 de outubro de 2017.

IPEA Desenvolvimento. **O que é? - Índice de Gini.** Disponível em: http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2048:catid=28&Itemid=23. Acesso em: 20 de novembro de 2017.

Transparency International. **Corruption Perceptions Index 2016.** Disponível em: https://www.transparency.org/news/feature/corruption_perceptions_index_2016. Acesso em: 02 de novembro de 2017.

World Economic Forum. **Global Competitiveness Index 2017 - 2018 edition (Brasil).** Disponível em: <http://reports.weforum.org/global-competitiveness-index-2017-2018/countryeconomy-profiles/#economy=BRA>. Acesso em: 03 de novembro de 2017.

World Economic Forum. **Global Competitiveness Index 2017 - 2018 edition (Japão).** Disponível em: <http://reports.weforum.org/global-competitiveness-index-2017-2018/countryeconomy-profiles/#economy=JPN>. Acesso em: 03 de novembro de 2017.

Formenti, Lígia. **Brasil se mantém na 79ª posição em ranking de IDH.** Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-se-mantem-na-79-posicao-em-ranking-de-idh,70001707897>. Acesso em: 22 de março de 2017.

Reis, Ana Carla Fonseca. **Economia da cultura:** Entrevista com Ana Carla Fonseca Reis. Disponível em: <http://www.cultura.rs.gov.br/v2/2012/01/economia-da-cultura-entrevista-com-ana-carla-fonseca-reis/>. Acesso em: 27 de março de 2017.

Eade, Deborah. **Desenvolvimento e cultura.** Disponível em: <http://docplayer.com.br/45894053-Desenvolvimento-e-cultura-editado-por-deborah-eade-e-apresentado-por-thierry-verhelst-com-wendy-tyndale.html>. Acesso em: 26 de março de 2017.

Equipe Técnica FIESP. **Relatório Corrupção:** custos econômicos e propostas de combate. Disponível em: <http://www.fiesp.com.br/indices-pesquisas-e-publicacoes/relatorio-corruptao-custos-economicos-e-propostas-de-combate/>. Acesso em: 13 de setembro de 2017.

Hermann, Jennifer. **Economia Brasileira Contemporânea (1945 – 2004).** Rio de Janeiro – Elsevier Editora, 2005.